

Como é o ritual do choque

PEDRO CAFARDO

O ritual da preparação de um choque econômico, depois de quatro experiências, é velho conhecido dos brasileiros. Meia dúzia de economistas se reúnem em sigilo e preparam o que chamam de "paper". Não tiram cópias para evitar vazamentos e, na fase final, mostram o texto a alguns economistas de fora do grupo. Aí chamam um advogado de renome para tentar, quase sempre sem sucesso, eliminar aberrações jurídicas.

Quando as reuniões começam, por mais discretas que sejam, os boatos do pacote logo se espalham. Mas, evidentemente, nada se confirma até o dia D, em geral uma sexta-feira, em fim de mês. Com algumas variações, tudo se passou mais ou menos assim nos Planos Cruzado, Bresser, Verão, Collor e Collor 2.

Nas últimas semanas, começaram os boatos sobre a preparação de um novo plano. Um grupo de fora do governo, liderado pelo ex-secretário de Política Econômica Antônio Kandir, estaria em ação. Kandir desmente.

O ex-ministro Mailson da Nóbrega acha difícil preparar um choque de fora do governo, mas sabe que é possível. Mailson, quando ministro da Fazenda, abriu o ministério para que a equipe de Zélia Cardoso de Mello colhesse informações para o Plano Collor. Zélia não se valeu da oferta uma vez sequer.

Um integrante da equipe do ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira considera desnecessário estar no governo para preparar um plano. "Quando fizemos o Plano Bresser, nos reunimos durante alguns dias e soltamos o pacote na sexta-feira. No fim de semana o pessoal do Banco Central redigiu as resoluções e circulares."

Se vingar a tradição, não haverá novo choque este ano. Nenhum dos cinco planos saiu no segundo semestre. Quatro deles foram no verão. Assim, o período de maior risco estatístico vai de 21 de dezembro a 21 de março. Mas não custa lembrar que, em 1987, Bresser foi obrigado a fazer o choque às pressas, no Dia dos Namorados, a 12 de junho.